

POR GIOVANNA KUNZ

Projetado inicialmente para ser o primeiro apartamento de uma jovem adulta, um imóvel de 65m² na Asa Sul, em Brasília, acabou ganhando uma história diferente da imaginada no início da obra. Criado para acolher encontros entre amigos, receber familiares e acompanhar o início de uma nova fase de vida, o espaço precisou se adaptar quando a cliente original se mudou antes mesmo da conclusão do projeto. O destino do apartamento tomou um rumo curioso. Uma das arquitetas do escritório responsável pela obra, que não participou do desenvolvimento daquele projeto específico, alugou o imóvel e hoje vive ali ao lado do noivo, que também é arquiteto.

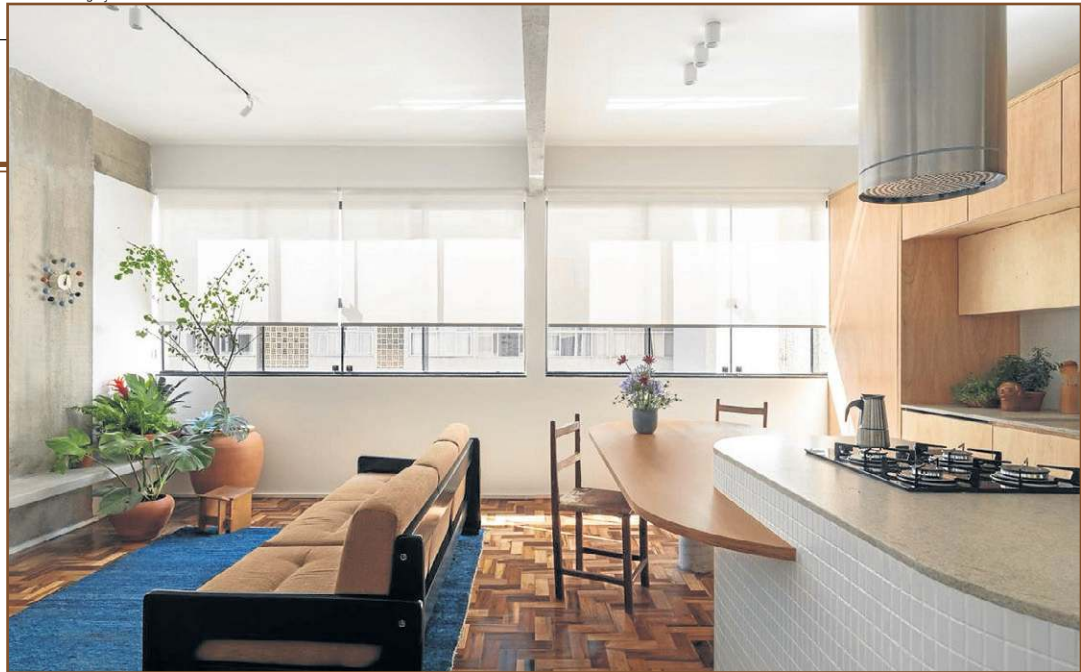
A coincidência acabou funcionando como um teste real para uma premissa defendida pelo escritório desde o início. "Foi uma ótima forma de atestar como projetos podem ser versáteis e bem adaptáveis, sem perder a personalidade", conta Júlia Coutinho, 30 anos, moradora do apartamento. Segundo ela, a experiência reforçou a importância de criar espaços capazes de atravessar diferentes fases da vida sem perder a funcionalidade. "Os principais elementos da arquitetura são luz e espaço. Com isso bem resolvido, a decoração, os móveis e os objetos afetivos de cada morador dão o tom de quem usa o apartamento", afirma.

O grande desafio do projeto estava justamente em transformar um imóvel compacto em um espaço amplo e social sem abrir mão da privacidade. A cliente original desejava integrar sala e cozinha e criar uma suíte sem eliminar o banheiro social. O obstáculo era estrutural. Um shaft existente no apartamento impedia uma conexão fluida entre os ambientes. Em vez de contornar a limitação apenas com soluções pontuais, os arquitetos Pedro Grilo, Carolina Piana e Alexandre Isaías decidiram reorganizar completamente a planta.

A solução fugiu do convencional. A cozinha passou a ocupar o centro da casa, funcionando como coração do apartamento. Nas extremidades, ficaram

UMA PLANTA PARA NOVOS COMEÇOS

Fotos: Divulgação/Júlia Tótolí



Apartamento de 65m² em Brasília exemplifica como um projeto pode ganhar novos significados ao longo do tempo

Júlia Coutinho e Gabriel Góes, os novos moradores do apartamento



os ambientes íntimos e os banheiros, criando uma planta simétrica, pouco comum em imóveis compactos. "Percebemos que manter parte do layout original impediria uma relação mais fluida entre sala e cozinha. A solução de centralizar a cozinha e a sala de estar permitiu criar um núcleo social mais integrado, enquanto os dormitórios nas extremidades garantem maior independência entre os usos sociais e íntimos", explica a arquiteta Carolina Piana.

A mudança exigiu uma operação técnica importante. Toda a infraestrutura hidráulica e sanitária precisou ser transferida para a área antes ocupada pela sala. As tubulações passaram a percorrer o piso até alcançar a parede do shaft, que acabou assumindo um papel estratégico no funcionamento do imóvel. "O shaft teve papel fundamental na tomada de decisão. Em vez de apenas contornar a interferência, optamos por incorporá-lo à lógica do projeto", explica o arquiteto Alexandre Isaías. Além de contribuir para a organização espacial, a estrutura permitiu solucionar de maneira discreta a exaustão da cozinha, preservando a limpeza visual dos ambientes.

Novas funções

Se a proposta arquitetônica já chamava atenção no papel, a experiência de morar no apartamento trouxe novas descobertas. O quarto que originalmente seria destinado a hóspedes virou home office. A escolha por privilegiar móveis soltos, em vez de marcenaria fixa, permitiu adaptações mais livres ao